

LEITURA SUBJETIVA: UMA PRÁTICA NA PRODUÇÃO DE SENTIDOS

Fabio Fernandes Barreto de Carvalho¹

Resumo: O presente projeto filia-se ao grupo de pesquisa GEREL (Grupo de Estudos em Resiliência, Educação e linguagens), vinculado à linha 2 (Letramento, identidades e formação de educadores) do Programa de Pós Graduação em Crítica Cultural e objetiva analisar reflexivamente sobre o conceito de Leitura subjetiva na prática de ensino da literatura na escola básica. O referido conceito partiu dos estudos de Annie Rouxel sobre leitura literária no processo de escolarização, e tem nessa pesquisa a finalidade de observar em que medida é possível aplicar o referido conceito na escola pública brasileira. De caráter teórico e investigativo esta pesquisa pretende se aprofundar no conceito de leitura subjetiva, partindo da concepção de Annie Rouxel, Gérard Langlade e, conseqüentemente estabelecendo diálogo com autores brasileiros tais como: (CRUZ, 2012 e 2018); (COSSON, 2006); (ROUXEL, 2013) e (JOUVE, 2012). Em vista disso, o estudo se justifica por atentar para uma questão que preocupa a todos que trabalham com a leitura na escola, visto que há uma necessidade eminente de mudanças no tocante ao fazer literário na escola básica. Frente a isso, surge a seguinte questão que torna crucial no campo da pesquisa e do ensino hoje: de que forma a prática da leitura subjetiva pode contribuir com o envolvimento do estudante com o texto? Esperamos com esta pesquisa apresentar uma proposta teórica viável para ser desenvolvida na sala de aula nas práticas de ensino da leitura literária.

Palavras-Chave: Leitura. Literatura. Subjetividade.

INTRODUÇÃO

Desde da época da disciplina Estágio Supervisionado ainda na graduação do curso em Letras Vernáculas que eu já vinha observando a maneira que era ministrada as aulas de literatura no ensino regular. Lembro de quando fui fazer as observações em sala de aula do ensino médio, que durante as aulas de literatura, os textos literários sempre eram

trabalhados apenas os fragmentos e que por muitas vezes apenas se discutia o texto pelo texto. Já no curso de especialização em leitura, literatura e práticas pedagógicas fui novamente surpreendido em uma das minhas visitas à escola para fazer as observações que viriam servir de base para minha monografia, também nas aulas de literatura, a cena se repetiu, o texto literário foi trabalhado de forma fragmentada, e o pior foi quando um dos alunos da classe que eu estava observando pediu a fala e foi calado pela professora que mediava a práxis. O aluno expressou a vontade de relacionar o conteúdo lido naquele momento com o contexto do qual ele vivia, e a professora achou melhor trabalhar apenas o conteúdo do texto que tinha sido lido naquele momento.

Partindo dessas experiências enquanto estudante da graduação e do curso de especialização fui me inquietando sobre o ensino da literatura e sobre a leitura literária na sala de aula. Pois acredito em uma prática do ensino da literatura de forma que a leitura subjetiva seja o mecanismo de aprendizagem, não só na prática do ato de ler, mas um mecanismo que abre possibilidades de discussões sobre outros conteúdos dos quais os educandos estão inseridos. Dessa forma, surge a seguinte questão: de que forma a prática da leitura subjetiva pode contribuir com o envolvimento do estudante com o texto?

Na tentativa de responder essa questão e outras que vão surgir durante a pesquisa, pretendo desenvolver um trabalho de caráter teórico e investigativo se aprofundando no conceito de leitura subjetiva, partindo da concepção de Annie Rouxel. Esse estudo se justifica por atentar para uma questão que preocupa a todos que trabalham com a leitura na escola, visto que há uma necessidade eminente de mudanças no tocante ao fazer literário na escola.

Pensar na utilização do texto literário como ferramenta para o processo ensino aprendizagem é ir além desse objetivo, “no quadro do ensino, temos todo o direito de dispensar o critério de satisfação, fazendo valer que as obras literárias não existem unicamente como realidades estéticas. Elas são também objetos de linguagem” (JOUVE, 2018). Quando colocamos nossos alunos em contato com um texto desse gênero,

estamos possibilitando uma chance de se trabalhar a subjetividade dos leitores, já que esse constrói através do texto lido uma relação de intimidade produzindo sentido no que está exposto com seu conhecimento armazenado previamente, como suas experiências e vivências que veem à tona na hora da leitura. Rouxel (2013), fala sobre essa experiência do sujeito leitor com o texto, um contato que desperta reações subjetivas:

Ninguém permanece impunemente exposto muito tempo ao contato obras literárias; tanto é verdade que toda leitura gera ressonâncias subjetivas, experiências singulares. Não raro, durante uma sessão de análise literária, uma exclamação, uma hesitação, uma súbita concentração, um sorriso, um silêncio, a explosão de uma emoção, manifestam discretamente as reações subjetivas de leitores reais (ROUXEL, 2013).

É manter uma relação entre a leitura literária e o cotidiano do sujeito leitor que muito se identifica com as narrativas que os autores constroem. Um jogo de reconhecimento entre o leitor e o texto, uma relação de participação e integração que vai acontecendo durante a decodificação e após o reconhecimento do conteúdo buscamos a inteligência com esse texto que nos leva a uma interpretação daquilo que foi trabalhado durante a prática da leitura literária.

Precisamos pensar que a leitura em sala de aula é muito mais que uma simples atividade, é uma relação comunicativa entre o sujeito leitor, o texto e o autor. Como bem ressalta (CRUZ, 2012): “Nas salas de aula onde se trabalhar com o texto literário, uma tensão entre linguagens sociais do cotidiano do aluno e linguagens sociais sistematizadas como áreas do conhecimento”. Uma comunicação onde o receptor conhece a ideia que o emissor atribuiu aquela escrita. Texto é a mensagem que foi elaborada pelo emissor com intuito de ser lida e interpretada para quem realizasse essa tarefa pudesse atribuir novas ideias, continuar o texto, elaborar uma nova escrita. Já que depois de fazer a leitura que tem como fases a decodificação, a inteligência e interpretação, o sujeito leitor consegue atribuir sua ideia de maneira mais objetiva que venha ser

compreendida por outras pessoas que estejam envolvidas na prática da leitura ou por aqueles que venham realizar uma leitura do texto original e da nova produção textual.

Dessa forma podemos considerar o texto literário como um canal de comunicação que conduz a ideia de um sujeito que busca através da escrita expressar seus sentimentos, expressar suas ideias que vão surgindo durante sua formação ideológica. Que é resultado das interações sociais pela qual o sujeito passa. Jouve (2012), demonstra o texto literário como uma força impactante que é capaz de fazer o leitor sentir as emoções que aquele texto expressa: “A vantagem é que a informação transmitida pela literatura tem uma força de impacto que o discurso racional não pode ter: ela é “sentida” antes de ser entendida, portanto, sem ser compreendida”. A formação ideológica compreende na formação discursiva do sujeito. Os fatores externos são responsáveis pela elaboração dos nossos discursos, que conseqüentemente irão ser retratados em nossos textos.

O texto literário apresenta uma diversidade de ações que depositamos em nossa escrita partindo daquilo que temos como ideologia. Buscamos em nossas leituras literárias canais de comunicação que nos façam dialogar com o outro, como se fosse uma busca de referência para aquilo que temos em mente. Um momento que sabemos que outras pessoas seguem a mesma linha de pensamento que a gente. Reconhecemos e compartilhamos de ideias, fazendo novas descobertas argumentativas aumentando nosso ponto de vista que vai sendo construído partindo dessa experiência com a leitura literária como ressalta Rildo Cosson:

A experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência. Ou seja, a ficção feita palavra narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da linguagem quanto do leitor e do escritor. Uma e outra permitem que se diga o que não sabemos expressar e nos falam de maneira mais precisa o que

queremos dizer ao mundo, assim como nos dizer a nós mesmos” (COSSON, 2019, p. 17).

As descobertas argumentativas estão relacionadas diretamente com a interpretação textual. O fazer a leitura entre linhas e para além do texto apresentado é uma tarefa que facilita e possibilita o sujeito leitor a fazer um paralelo do que foi lido com o seu contexto. Assim, ele vai estar trabalhando o texto de forma que abra novos caminhos para novas escritas. O entendimento do texto fica mais fácil quando o leitor consegue entrar na leitura de forma investigativa. Buscando trazer para cena da interpretação os argumentos utilizados pelo autor, para que possa entender o caminho por ele traçado para apresentar sua ideia central. Pensando assim podemos compreender a prática da leitura em sala de aula como uma prática que deve oferecer aos alunos uma gama de oportunidades de trabalhar a subjetividade através da leitura literária. Oportunidades essas que vão além do que apenas decodificar um texto literário. É um momento de se trabalhar a subjetividade do sujeito leitor, de colocar no lugar do outro, ouvir suas inquietações suas angústias, suas reações ao ter contato com aquele texto que está impregnado de fatores que os fazem se sentirem representados de alguma forma.

A participação do leitor nas práticas de leitura literária deve se estender as discussões rompendo com as barreiras criadas para silenciar os sujeitos que participam dessas práxis. Como podemos observar em Cruz (2012): “A efetiva realização da leitura literária escolarizada é preciso que a linguagem sistematizada de coadune com a linguagem do cotidiano, porque no contexto ficcional elas se tangenciam e se amalgamam.”

A leitura participativa vai abrir um leque de oportunidades para que o sujeito leitor possa transformar sua leitura em outro texto e conseqüentemente colocar suas ideias em exposição. Uma maneira de se ouvir o outro, saber a reflexão que o outro fez perante a leitura daquele texto, é quando a subjetividade é trabalhada de forma que venha contribuir com outros discursos e formar uma rede de opiniões que

constroem outros textos relacionados com o cotidiano comparados ao texto literário.

O texto literário vem carregado de marcas colocadas pelo seu autor que tentam de forma inspiradora passar uma mensagem que contribua diretamente no sujeito leitor. É a subjetividade do autor entrando em contato com a subjetividade do leitor. A participação desse último se faz pela sua interpretação textual que o coloca em lugar privilegiado quando ele opina diretamente na narrativa lida. Como se fosse um segundo autor que continua aquela narrativa, não deixando a história se esgotar. Esse ato evidencia as ideias que o leitor transfere para uma nova narrativa. É um conhecimento que vai sendo construído junto com a escrita do autor e as ideias dos leitores. Compartilho com Cosson da ideia que existe um rompimento de espaço e tempo do que representa aquela escrita, seguimos para além do que nos é apresentado.

Na leitura e na escrita do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção” (COSSON, 2019, p. 17).

Somos a própria literatura, nessa temos a nossa representação. Podemos observar nessa situação o quanto as nossas histórias se confundem. Incorporação do que o outro apresenta se encontrando junto com nossas narrativas. É um momento de saber que não só nós temos as mesmas ideias, defendemos as mesmas questões, somos a favor ou contra a determinadas situações.

A literatura é uma possibilidade de unir corpos diferentes em diferentes circunstâncias. Sem ao menos sair da nossa zona de conforto,

já que a partir dessa leitura podemos realizar esse rompimento com nossos comodismos, que possa ser que esteja presa apenas pelo motivo de não encontrar outras vozes que gritam pelos mesmos objetivos. A literatura nos possibilita isso, de forma subjetiva.

Compreender que a leitura literária é uma atividade de letramento, passar ser uma obrigação de nós professores que tanto expressamos a vontade de fazer com que os alunos sejam leitores ativos. Eles não devem apenas serem leitores ativos, mas leitores participativos. Indo além da leitura mecânica, se descobrindo através da leitura literária, que dever abrir espaço para aqueles que estão em outras cenas venham participar da cena da qual nossos alunos estão participando como personagens coadjuvantes passando para personagens principais da sua própria história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relevância desse trabalho não é apenas para o campo do ensino da literatura, é uma contribuição para se fazer criar espaços e momentos de discussões sobre os assuntos que de uma forma ou de outra inquietam, angustiam os nossos alunos que pertencem a diferentes contextos e se reconhecem nos textos literários lidos em sala de aula, local onde podem e devem expor suas opiniões desenvolvendo um diálogo construtivo que venha contribuir nas suas vidas enquanto sujeito ativo da sociedade a qual pertencem. “O letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola” (COSSON, 2019). Uma prática social que tem na leitura subjetiva a oportunidade de produção de sentidos. É trazer o aluno para cena da aula de forma direta, ouvir seu discurso que se constrói justamente através dessa interação com outros sujeitos.

É bom lembrar que as estratégias de leituras devem ser vistas não apenas como uma prática de leitura mecânica, onde os alunos apenas realizam a leitura de forma decodificada, não seria essa a proposta da leitura subjetiva. Pelo contrário, a ideia de realização de uma leitura subjetiva vai além da simples decodificação. Precisamos adotar uma

prática de leitura onde os leitores sejam autores de uma nova escrita, uma nova narrativa que vai trazer uma resignação dentro das suas próprias leituras de si.

Portanto, nós professores, mediadores de uma prática inclusiva que é a leitura, devemos possibilitar aos nossos alunos uma prática mais humanizada, apresentando possibilidades de leituras mais atuantes em nossas vidas, levando em consideração o contexto do qual nossos leitores estão inseridos. Abrindo caminhos para uma jornada de discussões que tratam das suas próprias narrativas. Essas que são construídas não só com nossa contribuição enquanto professores, mas pela convivência em outros espaços de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed., 9. reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2019.

CRUZ, Maria de Fátima Berenice da. *Leitura Literária na escola: desafios e perspectivas em um leitor*. Salvador: EDUNEB, 2012.

JOUBE, Vincent. *Por que estudar literatura?* Trad. Marcos Bagno e Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012.

ROUXEL, Annie. LANGLADE, Gérard. REZENDE, Neide Luzia de. *Leitura subjetiva e ensino de literatura*. São Paulo: Alameda, 2013.